



REVISTA ELETRÔNICA

DOCUMENTO 20

MONUMENTO

ISSN: 2176-5804 - Vol. 20 - N. 1 - Dez/2016

NDIHR



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO HISTÓRICA REGIONAL - NDIHR
www.ufmt.br/ndihr/revista

O PORQUÊ DA IMAGEM

A imagem da capa leva em seu dorso direito a Bandeira do Paraguai, representando a condição existencial dessa prática cultural fronteiriça. Errante por natureza, o Toro Candil pode ser visto do lado de lá e de cá da fronteira, no Paraguai e no Brasil. Fruto das relações de produção que se estabeleceram após a Guerra do Paraguai (1865-1870), está associado ao fazer cultural do imigrante paraguaio que ali se fixou para trabalhar nos ervais, charqueadas e quebrachais. Símbolo de força e poder, o toro, representa aquele que castra, domina e fere. O fogo, em sua ação, é libertador. Simboliza a força transformadora, necessária para lutar e superar as desigualdades presentes no dia-a-dia da sociedade capitalista.



TORO CANDIL: EXPRESSÃO DA CULTURA PARAGUAIA EM PORTO MURTINHO

Fonte: Arquivo da autora.

Giselda Paula Tedesco

Graduada em Educação Artística e mestre em Estudos de Linguagens pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento Regional da Universidade Anhanguera – Uniderp. Bolsista capes, modalidade – Taxa. Desenvolve a Pesquisa “*Toro Candil*”: um componente da singularidade cultural em Porto Murtinho, Mato Grosso do Sul, da qual esse artigo é parte integrante, sob orientação do Prof. Dr Gilberto Luiz Alves.

Gilberto Luiz Alves

Mestre em Educação pela Universidade Federal de São Carlos. Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas. Professor pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento Regional da Universidade Anhanguera – Uniderp.

TORO CANDIL: MANIFESTAÇÃO CULTURAL DA FRONTEIRADO BRASIL COM O PARAGUAI, EM PORTO MURTINHO/MS¹

Giselda Paula Tedesco

Mestre em Estudos de Linguagens pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento Regional da Universidade Anhanguera – Uniderp
giselda.tedesco@gmail.com

Gilberto Luiz Alves

Mestre em Educação pela Universidade Federal de São Carlos
Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas
Professor pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento Regional da Universidade Anhanguera – Uniderp
gilbertoalves9@uol.com.br

RESUMO

Este artigo analisa o *Toro Candil*, brincadeira que acontece todos os anos em Porto Murtinho/MS, buscando verificar sua ligação com a pecuária bovina. A preocupação central é compreender essa manifestação cultural no seio das relações sociais que se estabeleceram ao longo de mais de setenta anos de sua existência em Mato Grosso do Sul. A apreensão de seu significado exige, porém, a própria compreensão da pecuária na região do Prata durante o período missionário. Espera-se, com a presente análise, contribuir para uma melhor compreensão dessa manifestação cultural e do espaço onde é realizada, chamando a atenção para a sua importância e necessidade de difusão, enquanto manifestação cultural singular no estado de Mato Grosso do Sul.

Palavras-chave: Desenvolvimento Regional. Porto Murtinho. Nossa Senhora de Caacupé.

ABSTRACT

This article analyzes the *Toro Candil*, a prank that happens every year in Porto Murtinho / MS, seeking to verify its connection with cattle raising. The central concern is to understand this cultural manifestation within the social relations established over more than 70 years of its existence in Mato Grosso do Sul. The apprehension of its meaning requires, however, the very understanding of livestock in the region of Prata During the mission period. It is hoped, with the present analysis, to contribute to a better understanding of this cultural manifestation and of the space where it is realized, calling attention to its importance and necessity of diffusion, as a singular cultural manifestation in the state of Mato Grosso do Sul.

Keywords: Regional Development. Porto Murtinho. Our Lady of Caacupé.



UNIVERSIDADE
FEDERAL DE
MATO GROSSO

NÚCLEO DE
DOCUMENTAÇÃO
E INFORMAÇÃO
HISTÓRICA REGIONAL
NDIHR

FIGURA1 - Toro candil e mascaritas



Fonte: Leandro Benites, 2015

INTRODUÇÃO

O objeto deste artigo é uma manifestação cultural típica da fronteira entre o estado de Mato Grosso do Sul e o Paraguai. Denominada *Toro Candil*, ela está claramente associada à materialidade engendrada pela pecuária. O fogo ilumina sua existência secular e desde a designação em espanhol, *Toro Candil*, revela a marca da diversidade cultural presente no estado (FIG. 1). Na condição de prática cultural do povo fronteiriço, o *Toro* é a expressão da força, resistência e transformação. Consigna em sua história a relação entre o ser e o ter, bem como o desapego à pátria, tangida pela busca de melhores condições de vida em outro país.

A partir de estudos teóricos centrados nas contribuições de Karl Marx, Nelson Werneck Sodré, Maria Izaura Pereira de Queiróz, Gilberto Luiz Alves e Carla Villamaina Centeno, foram trazidas à tona questões pertinentes à ocupação do estado, principalmente à fronteira do Brasil com o Paraguai. Entende-se que a presença do elemento hispânico na região foi fator determinante para as várias expressões culturais sul-mato-grossenses existentes nesse espaço geográfico.

Dados empíricos foram buscados em fontes secundárias, a exemplo de livros e artigos publicados por estudiosos como Aline Figueiredo, José de Melo e Silva, Paulo de Carvalho Neto, Paulo Marcos Esselin e Giselda Tedesco. Também foi consultado o material publicado na Revista Trimestal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro do Rio de Janeiro. As fontes primárias foram obtidas por meio de observações sistemáticas e registros de imagens fotográficas realizadas em Porto Murtinho, durante o período de 2009 a 2015.

Mato Grosso do Sul, situado no Centro-Oeste Brasileiro, tem seu espaço geográfico delimitado pelos rios Paraná e Paraguai. É a única unidade federada a fazer divisa com outros cinco estados, sendo eles: São Paulo, Minas Gerais, Paraná, Mato Grosso e Goiás, e com dois países, Paraguai e Bolívia. Essa particularidade permite o acesso fácil, tanto de outras regiões do Brasil quanto da América Latina, tanto para quem chega quanto para quem sai - fato que permite pensá-lo como uma região de passagem e de paragem.

O Estado é conhecido por suas extensas áreas de pastagens e pelos vastos "campos de vacarias". O gado, criado solto no pasto, deixou rastros das reduções ameríndias, de colonização espanhola, que por aqui se aquerenciaram antes de ser expulsas pelos bandeirantes paulistas. "Desde muito cedo, introduziram os jesuítas, várias espécies de gado vacum, cavalar e lanígero, cuja importação fizeram com rigorosa escolha" (SILVA, 2003, p.42).

O território sul-mato-grossense possui características que o distinguem dos demais estados da nação brasileira. Outrora palco de guerras e disputas, apresenta idiossincrasias que explicam tanto o processo de ocupação espacial quanto sua constituição econômica, política e cultural. Entre os traços expressivos da singularidade sul-mato-grossense, destacam-se a pecuária e a manifestação cultural *Toro Candil*, ambas indissociáveis e relacionadas à entrada de rebanhos bovinos nessa região do Prata durante o período missionário.

Por suas fronteiras e divisas adentraram gente do Leste, do Sul, do Nordeste e também de outros países da América Latina, da Europa e da Ásia. Fatores como as distâncias territoriais, que a princípio seriam convidativos àquele que pretendia fugir ao fisco real das cidades litorâneas, tornavam-se grandes desafios para todos que pretendiam desbravar a região. Por muito tempo, as terras do sul de

Fonte: MARTINS, Gilson Rodolfo. Breve painel etno-histórico do Mato Grosso do Sul. Campo Grande: UFMS/FNDE, 1992. p.16).

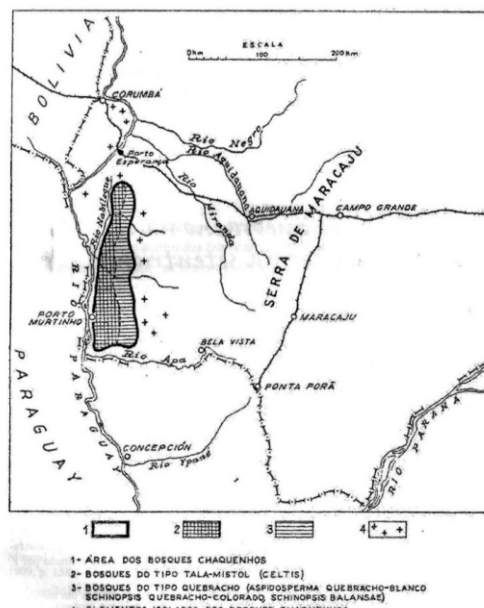
Para os sertanistas e monçoeiros que trilharam os caminhos do sul de Mato Grosso, nos séculos XVII e XVIII, a região que hoje corresponde à planície sedimentar do Pantanal era chamada pelos espanhóis de "Província Jesuítica do Itatim ou Campos de Xerez, onde encontravam o gado disperso das missões. Provavelmente, as primeiras cabeças de gado bovino entraram em território sul-mato-grossense em 1580, isso aceitando-se essa data como sendo correspondente à primeira fundação de Santiago de Xerez" (ESSELIN, 2011, p. 66 e p.76).

Há um consenso entre os historiadores sobre os limites do Itatim ou Campos de Xerez: "ao norte, os rios Taquari e Mbotetê; ao oeste, o rio Paraguai, o Apa, e a leste a Serra de Maracajú. Essa região é extremamente rica e plenamente apta ao desenvolvimento da pecuária, da criação do gado bovino sem o emprego de qualquer tecnologia" (ESSELIN, 2011, p. 66). Era denominada por sertanistas no final do século XVII que pretendiam chegar aos campos de gado como Vacaria².

Sobindo o rio Pardo tomando a barra do Anhandohy e Anhangohy que são dous rios nascidos de huma madre, navegando estes asima thé as vertentes que caem (...) adonde se acha por memoria algum gado vacuum, chamado hoje as vacarias, (...). Correndo os tempos e continuando aqueles aventureiros as suas conquistas chegarão a navegar o rio Paragoai descendo huns pelo Coxim outros pelo Matetê outros pelo Cahy que todos saem das mesmas vacarias e entrando pelas grandes bahias que acompanhão as margens deste grande rio (...) (TAUNAY, 1930, p. 3 e 4. *Apud* ESSELIN, 2011, p. 66).

Não por acaso, a cidade onde acontece o *Toro Candil*, está localizada a sudoeste do Mato Grosso do Sul, na fronteira do Brasil com o Paraguai, no Pantanal, onde se encontra, também, a única porção do Chaco existente no País (FIG. 3). Conforme Sartori (2008) é preciso ir a Porto Murtinho para observar alguns aspectos do Chaco. "O clima é mais úmido na região leste, que corresponde ao setor desse município; o solo geralmente é seco, com baixa umidade, mas apresenta áreas alagáveis após as chuvas, que ocorrem de setembro a fevereiro"³ (SARTORI, 2008, p. 44).

Figura 3 - Bosques Chaquenhos no sul de Mato Grosso - Corumbá e Porto Murtinho



Fonte: HUECK, kurt. Op. Cit. Figura 4, p. 346. *Apud* Revista Albuquerque, p.61

Porto Murtinho permite, também, o contato e o conhecimento da manifestação cultural que tem o *Toro* como personagem principal. Em devoção à Nossa Senhora de Caacupé, ocorre há mais de setenta anos na cidade. Sua realização decorre de promessas feitas por imigrantes paraguaios e seus descendentes à Santa. De forma intrínseca e exclusiva dessa fronteira, como expressão de prática cultural transplantada do Paraguai, o *Toro Candil*, se mantém vivo até a atualidade. Tornou-se uma manifestação singular da cultura em Mato Grosso do Sul.

O *Toro Candil* pode ser entendido como uma "brincadeira" realizada por imigrantes paraguaios, que atravessaram a fronteira e se estabeleceram no Brasil por motivos diversos. Muitos fugiram da fome e da miséria predominantes no país vizinho no período de pós-guerra. Alguns fugiram das constantes crises e golpes de Estado que lhes impunham constrangimentos políticos. Outros foram atraídos por melhores alternativas de sobrevivência no Brasil. O fato é que, "os vencidos pelo situacionismo começaram a cruzar a fronteira em busca de trabalho. Muitos deles, exímios vaqueiros,

não encontraram dificuldades em obter abrigo nas fazendas de gado que se desenvolviam na região" (ESSELIN, 2011, p. 253).

Por muito tempo, o Rio Paraguai foi a principal via de acesso (FIG. 4). Moradores faziam a travessia de barco das ilhas do lado paraguaio até Porto Murtinho. Foram empregados para trabalhar nas charqueadas e nos quebrachais da região. Na busca por melhores condições de vida, fixaram-se em Porto Murtinho. A cidade conta, atualmente, com pouco mais de 16 mil habitantes, segundo estimativa do IBGE (2012). A maioria é de origem paraguaia. Ainda, hoje, os moradores do país vizinho atravessam o rio em busca de emprego, saúde, escola e alimentação. Muitos fazem de Porto Murtinho a sua casa e do Brasil o seu país. O município ainda tem na pecuária uma de suas atividades econômicas de maior expressão.

Figura4 - O rio que separa, também une Brasil e Paraguai.



Fonte: Arquivo da autora, 2009

Atualmente, o turismo de pesca ganhou relevo. O trecho do Rio Paraguai, em Porto Murtinho, é conhecido como um dos mais piscosos do Brasil. Esse fato agrega grande preocupação, pois, a pesca, realizada de forma indiscriminada e sem o manejo adequado, acaba comprometendo o estoque pesqueiro da região. Outro fator negativo associado ao turismo de pesca é o tráfico de pessoas e a exploração sexual de menores adolescentes.

No caso da brincadeira do *Toro Candil*, se quer pensar que, desde sua confecção manual até seu movimento pelas ruas da cidade, sua aparição pública, metaforizam em parte a travessia de muitos paraguaios para o lado brasileiro (FIG. 5). Esse fato é singular e agrega um potencial turístico a tal manifestação cultural, por ser específica de Porto Murtinho e por estar associada às famílias de ascendência paraguaia que lá vivem.

Figura 5 - A confecção manual é parte do ritual do Toro Candil.



Fonte: Arquivo da autora, 2009).

No Paraguai, os primeiros registros do *Toro Candil*, segundo Carvalho Neto (1996), datam de 1795. Ele era parte de um tipo de auto colonial chamado “Rua”, conjunto de cenas dramáticas com vários personagens: “*Cambarangás, Guaicurús, Turcos, Moros y Húngaros*, além do *Toro*”. Essa manifestação cultural, segundo o autor, consistiria em fragmentos daquele auto onde sobrevivem principalmente “*los Kamba ra' anga y el Toro Candil*” (CARVALHO NETO, 1996, p.340). Portanto, tais personagens seriam restos de “Rua”.

Además, dichas Rúas fueron dobles a las de las fiestas reales y los indios como siempre, fueron los brazos de todo.

Tales registros son, naturalmente invaluable. El gran viajero asistió en América a lo que en España, según él, estaba olvidado. “Son las Rúas olvidadas ya en España, donde sólo hay memoria en el nombre de la calle de arco del Conde Fernán Gonzáles de Burgo. Ni los ha visto en ninguna parte”.

[...] Al *Toro Candil*, por otra parte, lo hemos visto sólo en la fiesta del Sagrado Corazón de Jesús. Nuestro calendario folklórico, sin embargo, lo consigna en las de San Juan de Villarrica (año 1938), Virgen del Carmen y Virgen del Rosario. Miguel Ángel Pesoa comunica al CEA – Centro de Estudios Antropológicos del Paraguay – haberlo visto en la fiesta de San Blas, patrono de Asunción, alrededor del año 1935. La 1.ª Semana Folklórica del Paraguay lo incluyó entre sus actos, a título de defensa de la tradición paraguaya (CARVALHO NETO, 1996, p.341).

Segundo esse estudioso da cultura paraguaia, os *kamba Ra'anga* (*kambarangá, Cambarangá, Camba-ra-anga*) são denominações usadas para designar os Mascaritas, que representam o papel de toreros voluntários do *Toro Candil*, e também dos Toros verdadeiros, na corrida de Toros (FIG. 6). “Al *Toro* le preceden dos *Kambá* disfrazados de toreros quienes le azuzan; otros *Kambá* le castigan con sus bolas *tanimbú* y sus vejigas, obligándoles a introducirse entre la multitud de jugadores, por fin, vuelven a poner en fuga al toro y los *Kambá*” (CARVALHO NETO, 1996, p. 339).

Figura 6 - Mascaritas, toureiros do *Toro Candil*.



Fonte: Leandro Benites, 2015

Para o autor, *Toro* e fogo são símbolos de poder. “(...) el buey con sus cuernos llameantes, psicoanalíticamente, el símbolo del “padre”, amenazador, potente, castrador..., embestiendo contra los hijos, que lo expulsan, que lo vencen...el “fuego” símbolo de la potencia” (CARVALHO NETO, 1996, p. 338).

Essa brincadeira, em Porto Murtinho, ocorre sempre no mês de dezembro na festa à *Virgencita de Caacupé*, padroeira do Paraguai e Santa de devoção da maioria dos murtinhenses.

Segundo relatos de Dionísia Arguelho, conhecida como Dona Noni, a festa que acontece em sua casa, “teve início com sua mãe, Natividade Giménez, após uma promessa feita à Nossa Senhora de Caacupé, pois tendo de se mudar para o Brasil, teria de conseguir obter casa própria, para que, tendo onde morar, pudesse criar seus filhos dignamente” (TEDESCO, 2011, p.33). É realizada há mais de cinquenta anos.

Ainda hoje, as mesmas famílias de imigrantes paraguaios que ali chegaram entre as décadas de 1940 e 1950, em busca de emprego, com dignidade e um teto para morar mantêm a devoção. Em contexto social diferente, esses imigrantes, ao chegarem, trouxeram na bagagem suas histórias, suas

memórias e uma promessa a cumprir. Ao encenarem o *Toro Candil*, desarmam seus costumes, suas crenças e colocam em circulação a brincadeira, que os remete ao tempo em que viviam no país deixado para trás (FIG. 7).

Figura 7 – Ataque do Toro Candil ao mascaritas.



Fonte: Leandro Benites, 2015

A figura central dessa manifestação cultural é o *Toro*. Consiste em uma armação de ferro, revestida com tecido, que imita o corpo de um bovino. Na extremidade dianteira, é fixado o crânio do animal previamente abatido, sua cabeça. No lugar dos chifres, são fixadas tochas embebidas em querosene, para dar melhor combustão. Ao serem acesas, o *Toro* com os chifres em chamas, ilumina a rua da noite murtinhense ao confrontar os *mascaritas* - espécie de toureiros ou, ainda, figuras assemelhadas aos palhaços de rodeio que, provocam o *Toro*. Travestidos de mulheres, modificam a voz para não serem reconhecidos. Falam em falsete, em um sotaque que mistura o Espanhol, o Guarani e o Português. Nessa hora, um inusitado bailado que lembra uma tourada, porém, de veia cômica, é realizado.

A brincadeira, realizada na periferia da cidade, é antecipada pela *pelota tatá*, espécie de bola fogo, com a qual os mascaritas realizam o futebol de rua (FIG. 8). Tanto o *Toro Candil* quanto a *pelota* (bola em espanhol) *tatá* (fogo em guarani), são realizados por famílias paraguaias em devoção à *Virgen de Caacupé*. Nada impede que pessoas alheias a essa comunidade assistam à brincadeira, realizada em dois momentos: no pátio interno da casa do(a) promesseiro(a) e, posteriormente, na rua, em frente à sua casa.

Figura 8 - A pelota tatá antecede a entrada do Toro Candil



Fonte: Leandro Benites, 2015

No caso específico do *Toro Candil* e da comunidade paraguaia de Porto Murtinho, percebe-se a ligação afetiva entre os devotos da Santa, quer por meio do parentesco, quer por meio de sua relação com o Paraguai. Fica explícito nessa brincadeira, realizada na periferia da cidade, a sua condição socialmente marginal e excluída. Quer se entender, a “comunidade” como “uma unidade social cujas relações dominantes entre os membros se caracterizam como pessoais diretas, afetivas e se contrapõem a ‘sociedade’, constituída de relações sociais dominantes de tipo impessoal, indiferente, contratual” (QUEIROZ, 1976, p. 123-124).

As famílias vivem em condições precárias, e com muita dificuldade realizam a festa à Nossa Senhora. Nas varandas de suas casas, reúnem-se para comemorar. Contam, na maioria das vezes, com doações e, de acordo com o que conseguem, fazem o almoço, no dia 8 de dezembro. Compartilham com os familiares, vizinhos e devotos da virgem de Caacupé. No cardápio é comum pratos típicos da culinária da fronteira, como a sopa paraguaia, a chipa e o macarrão com frango.

É notória a confiança que depositam na “*Virgen de los Milagros*”. Além da grande devoção, a música é uma constante na vida e na festa dos murtinhenses. O ritmo frenético da polca paraguaia é veículo de fé. Em versos de adoração, executa-se o hino à Santa de Caacupé. Os promesseiros rogam à virgem o seu perdão. Como gratidão, as mulheres dançam a *galopera* e os homens travestem-se de *maskaritas* para enfrentar o *Toro* (FIG. 9).

Figura 9 – Promesseiros no altar da Santa



Fonte: Arquivo da autora, 2015

O *Toro Candil* teria, então, como função primeira reforçar os elos afetivos e culturais, reafirmando a presença da comunidade paraguaia em Mato Grosso do Sul. Ele traria à tona, por meio de uma ligação histórica cravada em sua ancestralidade, fatos que contribuem para o entendimento das relações sociais em Porto Murtinho e em Mato Grosso do Sul, na atualidade. Contribui, também, para a inclusão e valorização das famílias paraguaias em razão de sua singularidade.

Com o registro de fatos e acontecimentos que remontam à época dos primeiros habitantes e desbravadores da fronteira, a intenção é a de contribuir para uma melhor compreensão dessa manifestação cultural e do espaço onde é realizada, bem como de sua importância enquanto prática cultural. O *Toro*, desde sua nomenclatura, difere do universo brasileiro das manifestações culturais que representam de alguma forma a pecuária nacional e que comumente têm o boi como elemento central.

No Brasil, manifestações culturais ligadas à pecuária podem ser vistas espalhadas pelo Nordeste, Norte, Sudeste e no Sul do Brasil. A cultura do boi deixou rastros da colonização portuguesa e esta é ainda hoje vivenciada pelo povo nas suas mais variadas formas de expressão, ritmos, indumentárias, adereços, personagens, instrumentos musicais e modos de se apresentarem. Talvez seja o Bumba-meu-boi a manifestação cultural mais conhecida em nosso país.

Trata-se de um auto pastoril, não havendo nada parecido em Portugal. “Em Portugal havia a ‘tourinha’, tourada de novilhas ou de fingimento. (...) Não encontrei a ‘tourinha’ no Brasil, mas o motivo emigrou”. Apesar de acontecerem touradas no Brasil, como a ideia de toureiros não prosperassem pelo sertão, foram substituídos por vaqueiros negros ou caboclos, personagens mais integrados ao lugar. “Quem cuida ou toma conta do ‘boi’ não é o toureiro, é o vaqueiro” (CAMARA CASCUDO, 1956, p. 62).

Entende-se, então, que os “Bois” são práticas culturais que se formam a partir da mistura de elementos originados na Metrópole e de adaptações ocorridas nas diversas regiões pecuárias do País. “Acredita-se que, no Brasil, tenham se misturado representações dramáticas e ‘tourinhas’, resultando a dança dramática Bumba-meu-Boi” (QUEIROZ, 1976, p. 183). De acordo com a região em que é realizado, o “boi” recebe um nome. No Maranhão, Rio Grande do Norte, Alagoas e Piauí é conhecido como bumba meu boi; no Pará e Amazonas é boi-bumbá; no Ceará e Espírito Santo é boi de reis, boi-surubim ou boi-zumbi; em Minas Gerais, Rio de Janeiro, Cabo Frio e Macaé, bumba ou folguedo do boi; em Santa Catarina e Paraná é conhecido como boi de mamão e, em Mato Grosso, chama-se Boi à Serra.

Em face dessas diferenças ditadas pelas singularidades de cada região, reconhece-se que a brincadeira do Bumba-meu-Boi não é a mesma encontrada em Portugal. “Não se trata propriamente de um traço cultural trazido de Portugal, mas de um folguedo que se formou no Brasil mesmo, porém, com elementos provenientes de Portugal” (QUEIROZ, 1976, p. 183).

Durante os séculos XVI e XVII, em Portugal, eram frequentes pequenos dramas. Nas procissões se apresentavam as “Touras” ou “Tourinhas”. Eram fabricadas com uma armação de vime coberta de pano, sob a qual se ocultava um homem que precedia ou seguia o cortejo dançando. Na dança, os papéis femininos desempenhados por homens “são reminiscências do tempo antigo em que era considerado indecente que uma mulher representasse nas comédias” (QUEIROZ, 1976, p. 183). Além disso, essa manifestação cultural se constitui em veículo de crítica e meio de controle social. Por meio do improviso dos versos e dos personagens são denunciados os abusos de poder cometidos pelas autoridades.

Também, o *Toro Candil*, realizado em Porto Murtinho, não é o mesmo realizado no Paraguai, ainda que contenha elementos provenientes daquele país. Das várias manifestações culturais conhecidas e que envolvem a pecuária bovina, nenhuma se assemelha a essa realizada em Porto Murtinho. O *Toro Candil* se constitui como paródia das *corridas de toros* ou das *toradas* espanholas (FIG. 10). É a sobrevivência de um auto chamado *rua*, onde, no Paraguai, apareciam, também, outras figuras tais como: índios guaicurús, negros e monstros. Em Mato Grosso do Sul, assim como no Brasil, sua realização é restrita à fronteira do Brasil com o Paraguai, região desbravada anteriormente pelos Jesuítas espanhóis e, conseqüentemente, permeada pela cultura espanhola.

Figura 10 – Na rua, a encenação do *Toro Candil*.



Fonte: Leandro Benites, 2015

Tanto o Bumba-meu-Boi quanto o *Toro Candil*, consciente ou inconscientemente, tematizam as relações sociais de força e poder entre patrão e empregado, padre e pajé, médico e curandeiro, latifúndio e pequenas propriedades, homem e mulher, pai e filho, combatendo o poder que castra e

domina. No caso do *Toro Candil*, a força purificadora é representada pelo fogo emitido pelos seus chifres, expressão simbólica da busca pela superação das desigualdades.

NOTAS

¹Este trabalho é parte de uma pesquisa maior desenvolvida no Programa em Meio Ambiente e Desenvolvimento Regional da Universidade Anhanguera – UNIDERP, sob orientação do professor Doutor Gilberto Luiz Alves, intitulada *Toro Candil: uma singularidade cultural de Porto Murtinho em Mato Grosso do Sul*.

²A região de Vacaria, no Itatim, difere dos chamados campos de Vacaria. O primeiro era o lugar onde se encontrava gado solto no pasto. O segundo, conhecido por suas campinas verdejantes, região de campos limpos, mais tarde, a partir do século XIX, abrigariam inúmeras cabeças de gado vacum e cavalar. Eram assim denominados pelos pioneiros vindos de Minas Gerais. “O colonizador, ali chegando e encontrando um cenário de campos largos e abertos, tem a ideia imediata de que aquelas áreas naturais são ideais para o desenvolvimento da pecuária. (...) pode ser assim descrita em suas linhas gerais. Começando em Campo Grande, continua-se pelo Anhanduhy abaixo até a altura das cabeceiras do Santa Luzia, daí segue pelo ribeiro chamado Alavanca até o Rio Vaccaria, corta este e o Brilhante e segue pelo Dourados; abrange toda a parte da sua bacia que faz divisa com o Amambahy e atingindo então a borda Oeste da chapada vai seguindo-a ao Norte até de novo alcançar o Anhanduhy e o Botas em Campo Grande. (LISBOA, 1909, p. 117 *apud* ESSELIN, 2011, p. 63-65)”.

³Alguns autores consideram que a área do Chaco no Brasil está dentro de uma sub-região do Pantanal denominada Nabileque; outros já a reconhecem como pertencentes a sub-região de Porto Murtinho. De qualquer forma, encontra-se dentro do Pantanal.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Antônio Salvador Beatriz. *Nostalgia do todo*. 2008. 14f. Monografia (Especialização em Linguagem das Artes) – Centro Universitário Maria Antonia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

ALVES, G.L.; MERCANTE, M.A.; FAVERO, S. (orgs.) *Pantanal Sul-Mato-Grossense: ameaças e propostas*. Campinas, SP: Autores Associados; São Paulo: Universidade Anhanguera – UNIDERP, 2012. – (Coleção educação contemporânea). 201p.

ALVES, G. L. O universal e o singular: em discussão a abordagem científica do regional. In: ALVES, G. L. *Mato Grosso do Sul: o universal e o singular*. Campo Grande, MS: Editora UNIDERP, 2003. p.19-29.

_____. *Arte, artesanato e desenvolvimento regional: temas sul-mato-grossenses*. 1ª ed. Campo Grande, MS: Editora UFMS, 2014. v. 1. 104p.

_____. *O Pantanal e sua história na pintura sul-mato-grossense*. 1ª ed. Campo Grande, MS: Editora UFMS, 2014. v. 1. 158p.

_____. *A Casa Comercial e o Capital Financeiro em Mato Grosso: 1870-1929*. 1ª ed. Campo Grande, MS: Editora UNIDERP, 2005. v. 1. 117p.

_____. *Pantanal da Nhecolândia e Modernização Tecnológica*. 1ª ed. Campo Grande, MS: Editora UNIDERP; Editora UFMS, 2004. v. 1. 86p.

BROCH, Olendzki S, MEDEIROS, Yara, ROBSON, Paulo (org.) *Pé na água: uma abordagem transfronteiriça na bacia do Apa*. – Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2008. 128p.

CARVALHO NETO, Paulo de. *Folklore del Paraguay*. Assunción: El Lector, 1996. 413p.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Tradições populares da pecuária nordestina* – Documentário da vida rural nº 9. Rio de Janeiro, Ministério da Agricultura, Serviço de Informação Agrícola, 1956. 90p.

CENTENO, Carla. Villamaina. *A educação do trabalhador nos ervais de Mato Grosso (1870-1930): crítica da historiografia regional, de suas concepções de trabalho, história e cultura*. Campo Grande, 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências Humanas e Sociais, UFMS. 240p.

ESSELIN, Paulo Marcos. *A pecuária bovina no processo de ocupação e desenvolvimento econômico do pantanal sul-mato-grossense (1830-1910)*. Dourados: Ed. UFGD, 2011. 358p.

FAVERO, S.; KNEVITZ, P.S.I., OLIVEIRA, A.K.M.; GARNÉS, S.J.A. (2008). “Insetos aquáticos como bioindicadores do Pantanal sul-matogrossense”. In: OLIVEIRA, A.K. M.; GARNÉS, S.J.A. ; FIGUEIREDO, R.S. *Meio ambiente e produção interdisciplinar: sociedade, natureza e desenvolvimento*. Campo Grande, Ed. UNIDERP. p. 121-135.

MARTINS, G. R. *Breve painel etno-histórico do Mato Grosso do Sul*. Campo Grande, MS: UFMS/FNDE, 1992. p.16.

MARIN, J. R. Fronteiras e fronteiriços: os intercâmbios culturais e a nacionalização da fronteira no sul do estado de

Mato Grosso. In: *Fronteiras: Revista de história*, Campo Grande, v. 4/5, n. 7/9, p. 151-182, 2000/2001.

MARX, K., 1818-1883. *O Capital: crítica da economia política: Livro I: o processo de produção do capital* / Karl Marx; [tradução de Rubens Enderle]. São Paulo: Boitempo, 2013. 894p.

MEDEIROS, Y. et al. *Um mergulho na bacia do Ápa: água, natureza e educação ambiental*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2008. 32p.

MELO ESILVA, J. de. *Fronteiras Guaranis*. Campo Grande: Tribunal de Justiça de Mato Grosso do Sul, 1989. 238p.

QUEIROZ, M. I. P. de. *O campesinato brasileiro: ensaios sobre civilização e grupos rústicos no Brasil*. 2 ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 1976. 242p.

SARTORI, L. B. In: *Pé na água: uma abordagem transfronteiriça da bacia do apa*, Campo Grande, MS, 2008. p. 44-48.

SODRÉ, N. W. *Oeste: ensaio sobre a grande propriedade pastoril*. Ed. fac-sim. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990. 205p.

TEDESCO, G. P. *A brincadeira do Toro Candil: uma manifestação da memória cultural local*. Campo Grande. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2011. 115f. (Dissertação de Mestrado).

_____. *Toro Candil: iluminando as fronteiras em Mato Grosso do Sul*. In: NOLASCO, E. C. (org.). *O objeto do desejo em tempo de pesquisa: projetos críticos na pós-graduação II*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2010. p. 37-46.

_____. *Toro Candil: desarquivando a memória cultural da fronteira Brasil X Paraguai*. In: NOLASCO, E. C. & BESSA-OLIVEIRA, M. A. (orgs.). *A reinvenção do arquivo da memória cultural da América Latina*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010. p. 65-72

_____. *Toro Candil: iluminando as fronteiras em Mato Grosso do Sul*. In: *Papéis: revista do programa de pós-graduação em estudos de linguagens/ Universidade Federal de Mato grosso do Sul*, Campo Grande, v. 13, n. 25, p. 125-139, 2009.

_____. *A brincadeira do Toro Candil: uma manifestação da memória cultural local*. In: NOLASCO, E. C; GUERRA, V. M. L. (orgs.). *Culturas do contemporâneo: projetos locais/leituras globais*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2010. p. 297-306.